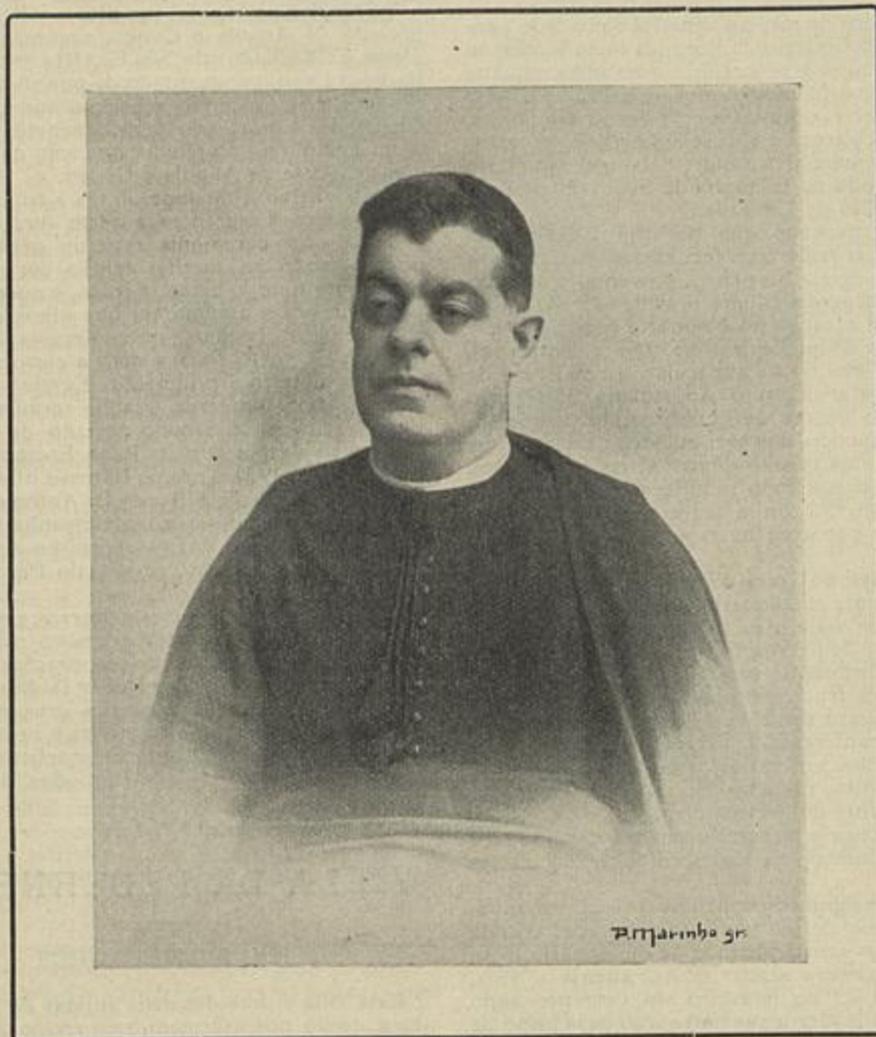


# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	29.º Anno — XXIX Volume — N.º 997	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte), m. forte...	3\$800	1\$900	\$950	\$120	10 DE SETEMBRO DE 1906	Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Typ. do Anuario Commercial—Caçada da Gloria, 5 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



D. ANTONIO BARBOSA LEÃO

Novo Bispo de Angola e Congo, sagrado na Sé do Porto, em 26 de agosto de 1906

## Chronica Occidental

Porque havia eu de ser victima de tão completo engano, quando em minha ultima chronica, fiado em palavras de piedade, predizia aos marujos julgados em S. Julião, uma pena minima?

Foi talvez culpa da paisagem que então me rodeava, toda de paz e de muita luz: os figueiras e as vinhas das encostas pelo lado de terra, pelo outro o mar immenso, para lá da barra do rio de Silves, scintillante como pedra preciosa. O que a paisagem pode influir na gente! A pensar em paz e em luz, como lembrar masmorras e condemnações?

Leria eu mal talvez, escapar-me-hiam entrelinhas; mas outros, que mais de perto seguiram todas as peripecias do processo, se enganaram como eu, mais do que eu, portanto.

Na tarde d'aquelle dia em que do Algarve es-

crevi para estas columnas, segui de Villa Nova de Portimão para Faro pelo novo ramal. A terra uberrima era o encanto dos olhos. A alfarrobeira deu agora os seus fructos, as figueiras estendem pelo chão seus ramos de fructos carregados, e as vinhas esperam a cada hora os vindimadores.

Quem, n'aquelle terra em que tanto se trabalha e que tão generosamente o trabalho agradece, quem se lembra de que ha crimes e de que ha castigos? E, logo, ao chegar ao entroncamento de Tunes, soubemos a nova que andava de bocca em bocca, que os que vinham de Lisboa communicavam logo: a pena cruel a que haviam alguns marujos sido condemnados pelo tribunal.

A estação de Faro estava cheia de gente arancando os jornaes aos vendedores. Todos queriam saber o que houvera, todos commentavam as noticias, porque muitos tinham entre os réus pessoas de familia ou amigos por quem se interessavam.

Como a realidade estava longe das esperanças de todos!

Os codigos militares são severos, severos de mais. A condemnação das praças, que, na sua maior parte, inspiravam a maior sympathia, foi mal recebida pela opinião publica, quasi sem excepção. Muitos d'aquelles réus, pela forma porque responderam, pelo cuidado que tomaram em não alliviar culpas proprias agravando as dos companheiros, não sahiram do tribunal para a prisão manchados em sua honra. Diz-se que a amnistia não se fará esperar muito; fala-se tambem n'uma revisão da lei. Assim fosse.

Já depois foram julgados os insurrectos do cruzador *Vasco da Gama* e da canhoneira *Tejo*. O mesmo rigor os condemnou; mas foi a surpresa já menor e outros casos de politica já tinham vindo distrahir o publico.

Está para muito breve a abertura das camaras, onde, diz-se, será levantado o caso do inquerito ao sr. Conselheiro Abel de Andrade, que foi demittido do seu logar de Director Geral da Instrucção Publica, o que muito commoveu a opinião. O que, porém, mais interessa os politicos é o futuro proceder dos deputados republicanos, o que é muito discutido.

Uma boa nova, porém, não pode deixar de se archivar aqui, embora muitos digam, que não deve com a gloria do caso pavonear-se governo algum. As libras estão novamente a quatro mil e quinhentos, como em bons tempos idos, que muitos diziam nunca mais haviam de voltar. Lucra o Estado nos seus pagamentos lá fóra, lucra o commerciante que por menores preços importa o que precisa para seu negocio.

Que bom seria que todo o povo lucrasse!... Mas será assim?... Quem o sabe?

Uma das principaes razões que motivaram esta baixa do oiro foi o facto da boa colheita do trigo este anno, que nos assegura o pão para perto de dez mezes. Desenvolveu-se a agricultura, desenvolveu-se a industria. O peor é talvez o igual desenvolvimento da agiotagem, que nos fará pagar pelo mesmo preço dos tempos bicudos, quanto no estrangeiro se pagará por quasi metade do preço, que ha uns annos se exigia aos negociantes portuguezes. Para este grande mal é que bom era buscar remedio. Mas os agiotas podem muito e teem com que comprar protecções. Todos os ricos hão de lucrar com a baixa das libras; o pobre lucrará ou não; pelo mesmo preço continuará talvez o amanuense comprando o seu guarda-chuva e a costureira o seu carrinho de linhas.

Mas não vale falar em agiotas, que são coisa negra, quando o tempo, depois d'uns dias chuvicosos, assustando com novo mildiu os vinhateiros, e até uns dois ou tres trovões longinuos, se poz de novo tão bello, afastando talvez para sempre os grandes calores, que o maior prazer do artista seria pôr-se de accordo com o céu e só falar do que fosse azul e cõr de rosa.

Mas não é possível. Até n'aquelle Cintra tão formosa, que parece dever ter sido criada só para que poetas pudessem em suas sombras devanear á vontade, até n'aquellas frescuras onde os passaros gorgeiam mansamente, as lagrimas teem sido abundantes sulcando os rostos, mais que as fontes correndo sobre os musgos.

Depois do desastre succedido ao Senhor Infante D. Affonso com seu automovel e de que sahio muito mal ferido, o ajudante de campo de S. Alteza, sr. capitão Serpa Machado, que se deu proximo do ponto onde ha annos falleceu desastrosamente a encantadora filhinha do Conde de Sabugosa, uma nova tragedia se havia de dar em Cintra, horrivel pelas suas consequencias, finali-

sando pela morte d'um estimadissimo rapaz de 19 annos, adorado por quantos o conheciam.

Rodrigo Corrêa Henriques, filho unico da Sr.<sup>a</sup> Condessa de Seisal, que andava á caça com um amigo, uma d'estas manhãs, sonharia o que um rapaz sonha aos desanove annos, quando já a morte o espreitava, e um momento irreflectido fez com que a espingarda se lhe disparasse matando-o quasi instantaneamente. Teve de vida uns segundos apenas, o sufficiente para em meia duzia de palavras exclamadas mostrar quanto amava sua mãe e pôr nas mãos de Deus a sua alma. Não houve coração que não se magoasse ao saber da nova, ao saber que iria despedaçar-se um coração de mãe.

Rodrigo Seisal terminara este anno o curso do lyceu e vivia n'aquella exuberante alegria do que vai entrar na vida sob uma estrella propicia. Um segundo apenas quantos sonhos alue!

É deante de casos d'estes que vemos quanto somos ingratos, quando nos queixamos de tão pequeninas miserias que nos vêm por vezes embaraçar a vida. Que dôr é comparavel á dor d'uma mãe, que tinha um filho como unica luz e que essa lhe foge e a cega para sempre!

A queixa que é o vicio de tantos! E lembrarmos do que vai por esse mundo! Ha poucos mezes o terramoto de S. Francisco, agora os do Chili, mais duas cidades arrazadas!

Alguns homens de sciencia teem escripto que é provavel que os terramotos continuem e que deve a nossa peninsula preparar-se para em alguns de seus pontos, esperar o terrivel cataclismo. A sciencia infelizmente está muito atrazada; mas demos por tal a nós mesmos agora os parabens. Durmamos quietinhos por emquanto a somno solto, que os sabios que tal predisseram não teem maior sciencia que bruxas e feiticeiras predizendo o fim do mundo e assustando velhas.

Da America não teem vindo ultimamente boas noticias e o peor foi o telegramma que nos annunciou de Pernambuco a morte da actriz Carolina Falco em giro artistico pelo Brazil fazendo parte da companhia de Angela Pinto.

Fôra ha poucos annos nomeada societaria do theatro de D. Maria II; mas o descanço que já ambicionava para os seus sessenta e sete annos, não quiz a má sorte que ella o gosasse. Longe dos seus a quem muito queria, em terra extranha, havia de fallecer.

Era uma actriz excellente, e quem hoje maguadamente escreve estas linhas deveu-lhe algumas horas boas em theatro. O ultimo papel que tivemos de peça nossa desempenhado pela velha actriz, foi o de *Maria do O' na Triste Viuvinha*, um trabalho perfeito. Na companhia do nosso primeiro theatro difficilmente poderá ser substituida.

A Augusto de Lacerda, seu filho, dramaturgo distincto e nosso amigo, enviamos o nosso pezame. Quando se realisou a decima quinta recita da *Duvida*, sua ultima peça, em homenagem ao auctor, dizia-nos Carolina Falco, radiante: — «Eu tambem acceto parabens, que a festa é minha tambem». E foi uma noite de festa.

Foi isso ha tão poucos mezes! O homem é feliz por não saber prever o futuro. Queixo-me d'isso no principio da chronica. Mas antes assim.

JOÃO DA CAMARA.

## D. Antonio Barbosa Leão

Novo Bispo de Angola e Congo

O abade de Lustosa, como era mais conhecido no Porto o Rev.<sup>mo</sup> Sr. D. Antonio Barbosa Leão, era o padre mais insinuante e querido de todos os auditorios. Versando com extraordinaria facilidade todas as questões, attrahia e arrebatava com a sua palavra fluente e colorida todos os que o escutavam.

Ardendo em zelo, tanto estava no pulpito como no seio dos operarios, que o amam e veneram como a um pae amantissimo.

Nos circulos dos operarios catholicos era indispensavel sempre que se celebravam festas do trabalho. Ninguem como elle sabe dizer verdades amargas, mas sempre temperadas com a doçura da caridade; ninguem como elle sabe ensinar e castigar com certo humour que tanto deleita como edifica.

Nascido em S. Martinho de Parada Thodeo, concelho de Paredes, a 17 de outubro de 1860, de Manoel Barbosa e Maria Barbosa Leão, foi contra a sua vocação aprender no Porto a arte de

ourivesaria, na qual, pela sua intelligente percepção já era considerado como artifice habil e de esperançoso futuro. Mas a Providencia que o tinha fadado para missão mais elevada, não deixou adormecer-lhe no peito a vocação, que desde a infancia revelára, em seguir a carreira do sacerdotio.

Dos 18 para os 19 annos, quando todos sonham com prazeres e folguedos, Barbosa Leão abandona os buris e vae frequentar o Collegio do Carmo em Penafiel, onde fez alguns exames, entrando depois no Seminario Diocesano do Porto a frequentar o curso de preparatorios e fez o curso theologico que terminou em 1886.

Intelligente e trabalhador, obteve distincção em instrucção primaria, português, literatura, latinidade, historia e geographia; e no curso theologico teve a classificação de *Premio* — a mais alta classificação que se confere n'aquelle estabelecimento, em todo o trienio do curso. Foi distinguido em todos os annos que frequentou o seminario com premios em merito moral, sendo-lhe igualmente conferido por duas vezes o premio denominado *Cardeal D. Americo*.

Recebendo a sagrada ordem de presbitero a 1 de agosto de 1886, celebrou a sua primeira missa a 6 do dito mez, na igreja da sua terra natal.

Em outubro do mesmo anno foi convidado para professor do Collegio da Formiga onde leccionou francês, historia e geographia, e no anno seguinte para o Seminario Diocesano dos Carvalhos, onde foi professor e examinador de varias disciplinas.

Em 1890, porque a vida sedentaria de professor lhe era prejudicial á saude, deixou o seminario e foi collocado na freguezia de Sant'Iago de Lustosa, concelho de Louzada.

E' como parcho que Barbosa Leão revela todas as suas poderosas facultades de trabalho: restaurou a igreja parochial, provendo-a de tudo que era indispensavel para o esplendor do culto; promoveu a creação do cemiterio parochial, que é o melhor d'aquelles sitios; ergueu das ruinas, á custa do seu bolso particular, a residencia do parcho; estabeleceu o Apostolado da Oração assim como outras devoções, sendo extraordinaria a frequencia dos sacramentos; fez com que fosse dada uma missão espirital todos os annos, etc., etc. Conquistando singularmente o amor do seu rebanho, chegou a ter a consolação de ver que na sua parochia havia apenas uma vontade — a sua.

Apreciadissimo como pregador, chegou a ser exclusivamente missionario, tendo de resignar o beneficio em 1905, não só por reconhecer a impossibilidade de prestar toda a necessaria attenção ao bem espirital do seu rebanho, como por lhe parecer mais fructuosa esta ordem de trabalhos. Não só pregava sermões avulsos, como triduos, series de conferencias, exercicios espirituales e missões; fallou em varias assembleias e no congresso catholico realisado em 1900, em que tratou magistralmente do registro civil.

Foi confessor e director espirital durante oito annos do Collegio da Visitação de S. Miguel das Aves.

Quando resignou do beneficio de Lustosa, recolheu-se a casa de sua familia em Paredes d'onde sahia para os seus trabalhos de missionario, e foi ahi onde contava acabar obscuramente a vida, que no dia 15 de fevereiro do corrente anno o foi surprehender a sua nomeação para bispo de Angola e Congo.

A sagração do novo prelado teve logar na Sé do Porto em o dia 26 de agosto ultimo.

Para essa solemnidade revestiu-se o historico templo das suas mais opulentas galas, de custosos velludos e damascos franjados d'ouro a guarnecerem as capellas, rematando em lindas sanefas e bambinelas de seda azul e branca. Por entre as alterosas columnas, cada uma adornada com largos bambolins de seda amarella, azul e branca, franjados a prata, destacam-se outros bambolins, com as cores nacionaes, entremeados de pingentes dourados. Ao longo das cornijas correm adornos semelhantes de cores variadas e grande quantidade de flores, em jarras, matisam a decoração e alegre os olhos vél-as. Lustres pendentes da abobada da capella-mor e do arco cruzeiro illuminam profusamente o grandioso templo.

Toda esta parte decorativa foi incumbida ao sr. Alberto Pereira, um artista de merecimento.

A cerimonia religiosa principiou ás 10 horas da manhã, hora a que entraram no templo, proccionalmente, Suas Ex.<sup>as</sup> Rev.<sup>mas</sup> D. Antonio Barroso, bispo do Porto; D. Antonio Ayres de Gou-

veia, arcebispo de Calcedonia; D. Francisco de Vieira e Brito, bispo de Lamego, acompanhados pelos seus secretarios e pessoas de distincção.

Os Rev.<sup>mos</sup> Prelados foram recebidos na Sé Cathedral pelo novo bispo com o cabido, curaria, camara ecclesiastica, escrivães do auditorio vereadores da camara, commandante da guarda municipal, chefe do departamento maritimo do norte e mais auctoridades civis e militares, parochos do Porto e suburbios etc., etc.

Principiou a cerimonia pelo exame canonico ao novo Bispo e sua profissão de fé.

A missa foi celebrada por Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> D. Antonio Barroso, assistido por dois conegos, o ministro do baculo e ministro de ceremonias monsenhor Joaquim Lopes Assistentes Suas Ex.<sup>as</sup> Rev.<sup>mas</sup> arcebispo de Calcedonia e bispo de Lamego.

Depois de resada a epistola recebeu o novo bispo a imposição dos Evangelhos, seguindo-se a unção episcopal, depois do que se fez a investidura do baculo, continuando a missa.

A' communhão, o novo bispo commungou da mesma hostia e do mesmo calix do prelado celebrante, symbolisando esta cerimonia a boa união que deve reinar entre todos os principes da Igreja.

No final da missa foi imposta a mitra ao novo prelado de Angola e Congo, seguindo-se o *Te-Deum*, e terminado este, Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> D. Antonio Barbosa Leão, paramentado de pontifical, percorreu a igreja lançando a benção aos assistentes. Chegando á porta do templo repetiu a benção n'um gesto mais amplo, na intenção de abençoar a sua diocese de Angola e Congo.

Voltando ao altar-mor ali fez a triplice saudação aos bispos sagrantes, a quem abraçou.

Toda esta cerimonia revestiu grande impo-nencia sendo ao mesmo tempo commededora, tanto para o novo bispo sagrado, a quem as lagrimas por vezes assumaram aos olhos durante o acto religioso, como para as pessoas assistentes a quem de perto tocava mais a elevação do humilde presbitero a principe da Igreja.

Era 1 hora da tarde quando terminou a cerimonia religiosa e o novo prelado de Angola e Congo se dirigiu para o Paço Episcopal, onde Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> D. Antonio Barroso offereceu um banquete a Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> D. Antonio Barbosa Leão e seus parentes que o acompanhavam, assim como a Suas Ex.<sup>as</sup> Rev.<sup>mas</sup> arcebispo de Calcedonia e bispo de Lamego, pessoal do Paço Episcopal, etc.

O baculo, aneis, cruces peitoraes e ricos paramentos foram offerecidos ao novo prelado por parentes, amigos e algumas corporações, tendo os condiscipulos de Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> D. Antonio Barbosa Leão offerecido uma rica cruz episcopal, armada de seis grandes ametistas e nove diamantes, obra tambem de grande valor artistico, executada nas officinas dos srs. Barbedos, ourives do Porto.

## VILLA DA PEDERNEIRA

PRAIA E SITIO DA NAZARÉTH

Esta villa é uma das mais antigas da Extremadura, como nos affirmam, sem receio de contestação fundada, notaveis escriptores; d'entre estes o illustre antistite D. Frei Fortunato de S. Boaventura, cujo espirito investigador e minucioso nos assegura com razões sobejas a sua antiguidade, a ponto de não estar ainda averiguada a data da sua fundação, com quanto alguns auctores a remontem ao seculo IX.

Todavia é ponto incontestoso que, em remotas eras, foi esta villa muito florescente, e até bastante populosa no reinado de D. Affonso I. (1127-1185). E n'este facto, com a irrecusavel auctoridade do seu testemunho, está mais que demonstrada a erronea versão de terem sido seus fundadores os habitantes da villa de Paredes, tanto mais que a origem d'esta villa data de 1286 ou 1287, anno em que foi mandada passar, estando el-rei D. Diniz em Coimbra, carta de povoação para trinta moradores, a cada um dos quaes se deu um moio de trigo com obrigação de terem seis caravelas ao menos para pescaria; e d'ahi foi em progressivo crescimento até ao reinado de D. Manoel, até que as dunas arearam o porto (1), vendendo-se esta povoação, para accentuar ainda mais a crueza de tão desgraçadas condições, na abso-

(1) No meado do seculo XVII, já da villa de Paredes não existia, diz D. Francisco Brandão, senão a ermida da Senhora da Victoria.

luta e ineluctavel necessidade de abandonar seus lares e assentar residencia em pontos afastados do littoral, principalmente na antiquissima villa da Pederneira por estar, pela sua situação, mais ao abrigo das alluviões das areias, que haviam invadido as costas do norte, se bem que de effeitos nocivos para os habitantes do Sitio da Nazareth, já pela sua proximidade, como pela força com que os ventos arrojavam para alli as areias; e em tamanha quantidade se accumulavam no largo da Igreja e ruas adjacentes que a administração da Real Casa da Nazareth, sem embargo d'outras providencias, fez consignar nos contractos d'aforamento, e incluir nos de arrendamento, a obrigação de os emphyteutas e rendeiros lançarem do sub-becco, (a que os povos chamam por corrupção *subêcco*), contra o mar certo numero de carraças d'areia, encargo este que felizmente caducou com a construção das muralhas, que limitam esta povoação pelo norte e nascente.

E, passando ao que os historiadores nos dizem acerca do nome originario da villa da Pederneira, dividem-se as opiniões em dois grupos. Uns attribuem-n'o a um enorme marco de pederneira, *silex pyronico* de 1<sup>m</sup>,10 d'altura, collocado sobre um pedestal de quatro degraus de cantaria, na praça d'esta villa, — a celebre picota ou pelourinho — que d'alli esteve apeado por dezenas d'annos, talvez por motivos de lugubre memoria; e decerto ainda hoje o estaria, se não fosse mandado collocar no seu primitivo logar pelo esclarecido capitão, Joaquim Ferreira Callixto, um dos mais sinceros apreciadores dos monumentos da terra que lhe foi berço, á qual, como disse o eminente escriptor, o sr. Theophilo Braga, ninguem lhe tira a gloria de ter sido escoreada por Gil Vicente, o genio creador do theatro portuguez (1). Outros, porém, derivam o seu nome dos recifes da costa, visto que, em portuguez antigo, *pederneira* significa *recife* ou *cachopo* formado de seixo.

Fica esta villa a 105 kilometros ao norte de Lisboa, e está situada sobre uma fértil e deliciosa collina a que lhe estão annexas as terras denominadas de sub-villa, — apenas cortadas pela estrada *macadamizada*, em cuja extensão se destaca a fita azulada dos rios *Côa* e *Baça* que, serpenteando pelos marnes de algerifeira, vae confundir-se no oceano.

Entalada entre a serra a que os agarenos chamaram *Monte Ceira* na direcção oriental, mas um pouco mais recolhida formando um semicirculo, onde entra o oceano, a villa da Pederneira pode comparar-se a uma varanda no corpo central d'uma casa de campo, que de cada lado tivesse um grande torreão e na frente uma immensa planície murada.

E' magnifico o panorama que em todas as direcções se descobre d'esta varanda.

A nossos pés a Praia, que ha oitenta annos era um casal (2), e, ao presente, uma formosissima estancia balnear de primeira ordem com cerca de 1:000 predios muito caiados em magnificas ruas, e praças possuindo, em local muito proximo d'estas, o hotel-club; e em frente do mar alguns *chalets* d'elegante construcção, a cujo tópo se ergue, desde 1861, a capella de Santo Antonio (3); e em curto periodo de tempo, o paredão — caes completamente construido por conta do Estado, na extensão de 400 metros, servindo ao mesmo tempo d'abrigo e varadouro para as embarcações de pesca.

A' nossa direita o quadro imponente da vista da Nazareth, tantas vezes enaltecido pelo grande poeta Malhão, que na sua ardente e fervorosa *Saudação do Peregrino* nos disse, citando as formosas palavras do cardeal Bona:

«Te calum, te terra colit, te pontus adorat,  
Te celebrant tardique senes juvenesque decoir».

«Veneram-te os ceus e a terra,  
Dos mares a immensidade,  
Os tardos, cançados velhos,  
E a decora mocidade».

No cimo do monte o zimbório das torres parecendo tocar o firmamento; o sol fazendo scintillar os mirantes envidraçados do templo; a capella

da *Memoria*, e junto d'ella o miraculoso pinaculo, (que sae uns sete metros fóra da rocha), contando aos seus admiradores o prodigio obrado pela Virgem, ha seculos festejado em setembro pelos brilhantes cirios da Prata Grande (1), Caldas, Obidos, Penella e outros, a musica vocal acompanhada a orgão e a grande instrumental, com a assistencia de milhares de pessoas, a quem, durante os tres dias das festas tradicionaes não faltam diversões de toda a ordem: touradas, cavallinhos, theatros-barracas (2), bailes campestres e descantes populares, e de noite illuminações, fogos d'artificio, e musica no elegante co-reto no largo da Igreja.

Na extremidade do morro o forte de S. Miguel, fundado por Philippe II em 1608, em que se divisa o pharol no angulo S. O. com o alcance luminoso de 7 milhas no estado de transparencia atmospherica (3); e, como que contemplando, em dias serenos e claros, a vasta superficie do oceano, d'onde na distancia de 35 kilometros se avistam as ilhas Berlengas, esses escolhos pontegudos e empinados acima d'agua, ao mesmo tempo que vem approximando-se da costa os barcos dos pescadores com as velas enfunadas por uma ligeira briza; e...

«Lá fóra: confundidas duas télas,  
«Unidos ceu e mar aos doces flancos;  
«Em tinta azul ferrete, das mais bellas,  
«Surgem indecisas, varias velas,  
«Como nodoas subteis d'uns pingos brancos».

A' nossa esquerda para remate d'este maravilhoso panorama a serra de S. Martinho do Porto com os seus moinhos que os ventos fazem girar, e, a pequena distancia, uma ou outra casa de campo a alvejar por entre elegantes espiraes de fumo.

Sob os diversos aspectos com que se nos apresenta tão formoso quadro, observado de um dos pontos mais centraes da Pederneira, a impressão que fica é sobretudo agradável e digna d'alto apreço por nos transmitir esta vetusta villa uma tradição, onde o povo aprende dos paes e ensina aos filhos a chronica do passado.

Releve-se-nos o falarmos aqui do milagre por todos sabido desde 14 de setembro de 1182, consoante a grandiosa legenda, como lhe chamou o beneficiado Malhão.

Eis como descreve o primoroso escriptor, Joaquim da Costa Cascaes em poucas palavras, mas em phrase sublime:

«Estava um dia de nevoa cerrada, e antes do des-pontar da auróra, ali para as bandas da Pederneira, o relinchar de muitos cavallo, ladridos de cães, som de buzinas e clarins... brava montaria era ella. Voava, não corria um veado de grandeza descommunal; seguia-o o cavalleiro, que a toda a redea o acossava, nem já o avistam os da sua comitiva; eis que de improviso os raios do sol penetram através da nevoa como espadas de fogo; ás trevas succede a luz; e... oh assombro!

Sublime painel para os arrebatados pinceis de West, ou d'um Kauffman!

O veado ou demonio, que fugia, abysmou-se: e o cavalleiro vel-o lá está suspendido ás bordas do rochedo altissimo, que se pendura passante de duzentas braças sobre o mar! Um só nome que elle soltára, mas, com a fé intima de verdadeiro christão, bastou a livral-o da morte. O cavallo retrocedeu.

O nome era o da Virgem da Nazareth.  
O cavalleiro era D. Fuas Roupinho» (4)

«..... que de Homero  
A cythara só para elle cubiço.

CAMÕES, CANTO I EST. XII.

(1) Vide Historia da Imagem da Senhora da Nazareth por José Lucas da Silva.

(2) O theatro, que a Real Casa da Nazareth teve em magificas condições, idênticas ao do nosso Gymnasio, foi demolido para lhe ser dada uma outra applicação, que nunca chegou a realizar-se por motivos que ignoramos. Consta, porém, que, por iniciativa do actual administrador, não se demorará, por muito tempo, a construcção d'um novo theatro, segundo a planta ha muito approvada. E' mais um melhoramento, tão insistentemente reclamado, para se juntar a muitos outros, que anteriormente se levaram a effeito, tanto no interior do templo, como fóra d'elle.

(3) Foi esta fortaleza, em vir-ude de ordem do Ministerio da Guerra, arrematada em 27 de setembro de 1807 por Manoel Antonio Rodrigues pela quantia de 100.000 réis (1); e expropriada a instancias do digno deputado, Alvaro Possolo, para o fim d'alli ser collocado o pharol, segundo o plano do distincto engenheiro hydraulico, José Ribeiro d'Almeida, a cujos trabalhos procedeu com tanta actividade e zelo que a 1 de dezembro de 1903 foi inaugurado o pharol com grande jubilo da classe piscatoria. Note-se que ha pouco foi alli instalado o mastro de signaes, que se achava em frente da capitania do porto.

(4) «Esta lenda tão popular e nacional tambem se conta na Alemanha attribuida a Hermann de Refurt.

— (Lendas allemãs — tom. II pag. 442 — Theophilo Braga).  
«E apresenta pontos de contacto com a do grego Saron tal,

Em geral quando se diz a Nazareth comprehendem-se, na illustrada opinião de D. Antonio da Costa, as tres povoações; falla-se de todo, mas ellas são irmãs distinctas; o *Sitio* em cima, a *Praia* em baixo, *Pederneira* ao lado e meia desprezada (1)».

(Continúa.)

LINO J. F. DA COSTA.

## AS FESTAS DE LAMEGO

SANTUARIO DE NOSSA SENHORA DOS REMEDIOS

O tempo de verão é o tempo das festas por esse Portugal fóra, e não ha cidade, villa ou aldeia, onde não haja festa, romaria, arraial, em que o culto religioso resplandece e o povo folga, e isto se repete desde tempos immemoriaes.

As festas de Lamego á Senhora dos Remedios, são este anno não menos luzidas que nos annos antecedentes. Na historica cidade da Beira Alta, primeira em que D. Affonso Henriques reuniu cortes para o reconhecerem como rei, tudo se reveste de galas para celebrar o culto da Virgem, no seu sumptuoso Santuario, estendendo-se os folgares por toda a cidade onde acode gente de muitas leguas em redor.

O Santuario da Senhora dos Remedios é um dos mais ricos das nossas provincias. Situado numa elevadissima collina, a um kilometro a E. da cidade, ergue-se magestoso o templo, para o qual se sóbe por uma escadaria de granito, em nove largos lanços, com espaçosos patins, por entre alas de frondoso arvoredor, tendo por um lado e por outro, lindas fontes donde corre fresca e cristalina agua.

E' este o passeio preferido pelos habitantes da cidade, e aqui se realisa a grande romaria da Senhora dos Remedios a 8 de Setembro.

Um dos largos que medeiam entre os lanços da escadaria, de 300 degraus, denomina-se Largo dos Gigantes. Entra-se para elle por dois magnificos porticos, de elegante architectura formados por altas columnas, sobre as quaes assentam estatuas de personagens biblicas. No centro deste largo ergue-se uma formosa fonte, donde se eleva um elegante obelisco de 22 metros de altura, assente sobre quatro figuras, tudo de pedra lavrada em primorosos relevos e rendilhados, jorrando a agua de quatro bicas caprichosamente decorativas.

Em volta d'esta fonte agrupam-se varias columnas, que servem de pedestaes a estatuas alegoricas.

E' surpreendente o panorama que d'esta elevação se avista.

As festas da Senhora dos Remedios prolongam-se desde o dia 30 de agosto, em que começa a novena, até ao dia 10 de setembro. Nos ultimos cinco dias é que as festas tomam maior incremento, principiando por se embandeirar e ornamentar as ruas da cidade. Exposição nos templos do convento das Chagas e no da Graça, dos carros decorativos que tomam parte na imponente procissão do triumpho. A's 3 horas da tarde é a regata no lago do parque do Real Santuario, com cinco barcos enfeitados.

A' noite sae a pitoresca procissão das lanternas sendo conduzida a imagem da Virgem para o mosteiro das Chagas. N'essa occasião tanto o Santuario como o monte de Santo Estevam se cobrê de milhares de luzes, pelo que é facil calcular o magico effeito que apresenta esta procissão.

Nos dias seguintes, musicas da cidade e de seus arredores percorrem as ruas subindo ao ar repetidas girandolas de foguetes e salvas de morteiros.

Ha cavalladas e touradas nos dias 7, 8 e 9. Um

como a conta Pausanias na descripção da Grecia — liv. II, cap. XXX. — (Religiões da Lusitania — pag. 221 — Leite de Vasconcellos).

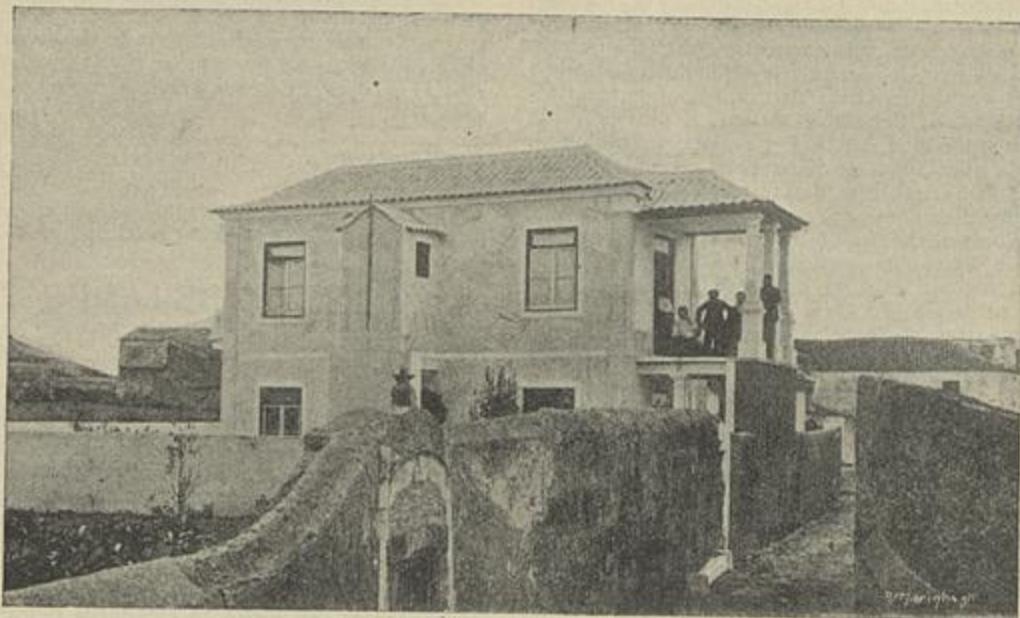
— O illustre poeta, Visconde de Castilho, mais nos diz: que é curiosissimo observar que a lenda da ferradura impressa no peneado da Nazareth tem por avoenga outra, referida por Cicero no seu tratado —: *De natura Deorum*, liv. II cap. V. Disse-o o Mestre por estes incredulos: *Ergo, et illud in silice, quod hodie apparet apud Regillum, tanquam vestigium unguis. Castoris equi credit esse?*

Acaso tambem julgas que isso que hoje apparece n'uma rocha junto a Regillo, a modo vestigio de casco fosse produzido pelo cavallo de Castor?

Regillo era cidade do Lacio junto da qual havia um lago.

(Nota á chacara de N. S. da Nazareth — *Ontommo*, vol. II).

(1) Conveia notar que, sem motivo justificado pelas tradições d'esta localidade, é dado indistinctamente o nome de Nazareth á Praia e ao Sitio.



CHALET SALVADORA NA VILLA DA PEDERNEIRA

orfeon de mais de tresentas vozes entoa himnos consagrados á Virgem, em quanto grupos de creanças dansam na praça publica. Repetem-se as illuminações no Santuario e pela cidade. Queima-se vistoso fogo de artificio, durante tres horas, em que cae copiosa chuva de flores luminosas de lindo efeito.

No dia 8 é a grande festa de igreja e a procissão do triunfo em que vão os carros alegoricos, com varias figuras allegoricas a passagens da Biblia. Estes carros tirados por juntas de bois guiados por garbosos camponeses e gentis lavradeiras, conduzem o 1.º *A Victoria do Christianismo*; o 2.º

as tres *Virtudes*; o 3.º *Annunciação da Virgem*; o 4.º *Nascimento do Menino Jesus*; o 5.º *A Sagrada Familia*; o 6.º *Assumpção de Nossa Senhora*; o 7.º *Nossa Senhora dos Remedios*.

No dia 10 e ultimo das festas é a grande feira de gado, reunindo assim o agradavel ao util.

Estas festas tradicionaes, alem de manterem a fé dos povos, tem grandes vantagens para o commercio local, pelo grande numero de forasteiros que chama ás cidades, animando ainda a convivencia das populações de umas terras com outras.

Se não houvessem estas festas seria mister inventar outras quaesquer para aproximação dos

povos e para desenvolvimento do commercio como ainda ha bem pouco tempo aconteceu em Lisboa, com as festas de Santo Antonio, ou de verão, como lhe quizerem chamar.

## LITTERATURA INGLÊSA

G. H. Wells

## O OVO DE CRISTAL

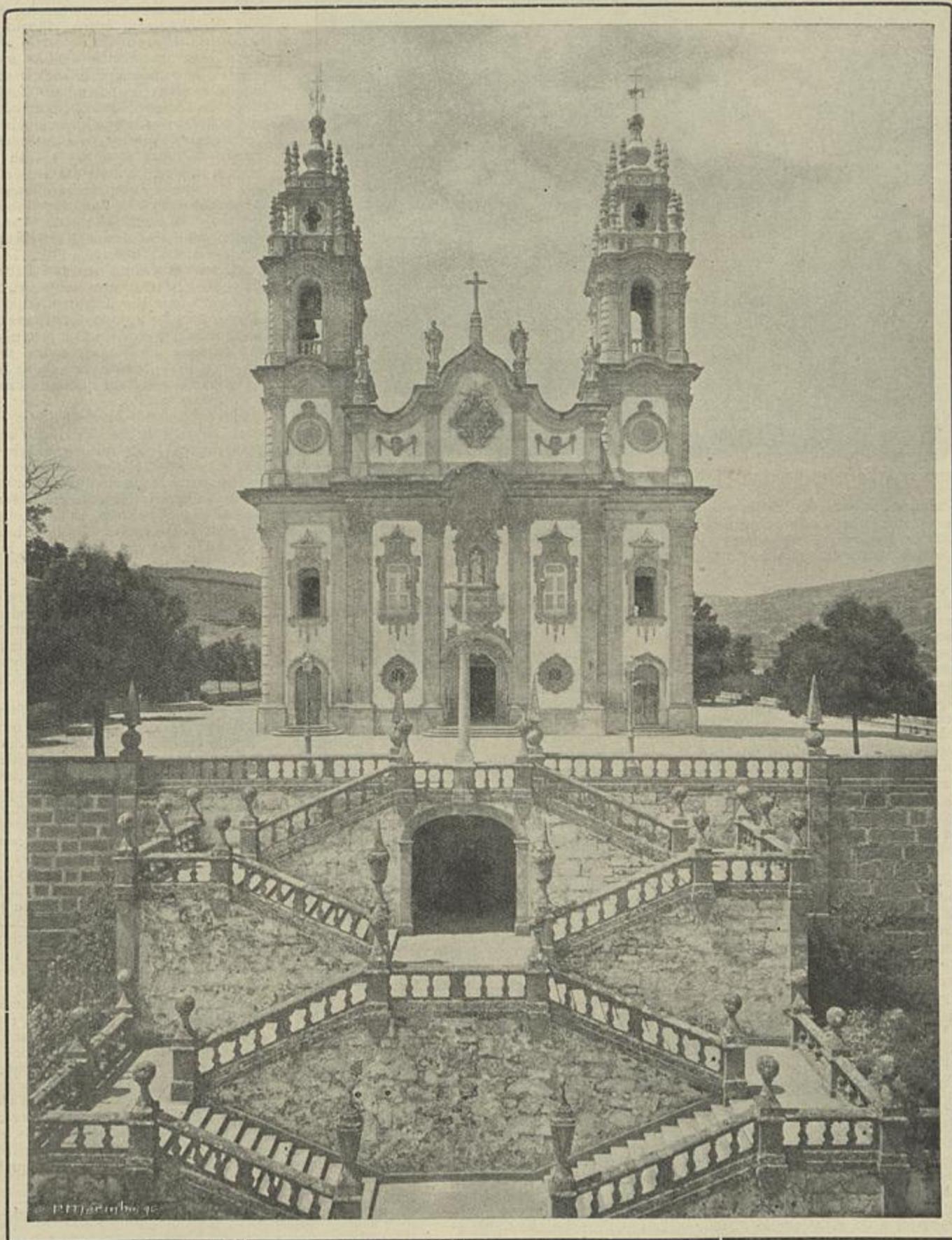
*(Continuado do numero antecedente)*

Ora, desde o principio, aquella luz dentro do ovo de cristal exerceu sobre o animo de mister Cave curiosa fascinação. O facto de elle não haver participado a ser humano algum as suas curiosas observações falava mais alto, com respeito ao insulamento da sua alma, de que o faria um volume inteiro de frases pathéticas. Dir-se-ia haver vivido numa tal atmosphera de mesquinhez e de maldade que, admitir a existencia de um prazer representaria o arriscar-se a deitar tudo a perder. Fez tambem a seguinte observação, a saber: que, á proporção que se ia adiantando a madrugada e que a quantidade de luz diffusa ia augmentando, a apparencia total do ovo cristalino deixava de ser luminosa. Durante um lapso de tempo, achou-se inapto a ver no interior do ovo, excepto de noite, nos cantos escuros da loja.

E todavia, occorreu-lhe lançar mão de um retalho de veludo velho, que servia de estendal a uma collecção de mineraes, dobrou-o e lançou-o por cima da cabeça e das mãos e conseguiu lobrigar o movimento luminoso lá dentro do ovo de cristal, ainda durante o proprio dia.

Procedia com a maxima cautela com medo de que o percebesse a mulher, e apenas se entregava a semelhante operação, de tarde, em extremo circunspecto, debaixo do balcão, enquanto a esposa dormia a sesta. Um dia, ao revolver na mão o ovo de cristal, viu o que quer que fosse.

A VILLA DA PEDERNEIRA E PRAIA DA NAZARETH  
*(Copia de photographias)*



AS FESTAS DE LAMEGO — SANTUARIO DE NOSSA SENHORA DOS REMEDIOS

Perpassou qual relampago, elle porém, recebeu a impressão de como, por instantes, o objecto lhe havia revelado a existencia de uma vasta, immensa e esquipatica região; e tornando a revolvê-lo, no momento em que o clarão se apagava, teve outra vez a mesma visão.

Seria enfadonho, agora, a par de inutil, o expor as fases todas da descoberta effectuada por mister Cave desde aquelle momento.

Bastará apontar que o effeito era o seguinte: observado a um angulo de uns 137 gráus com a direcção do raio luminoso, o ovo de cristal apresentava, clara e consistente, a pintura de uma região vasta quanto singular. Não era de modo nenhum uma visão chimerica; dava a impressão definida da realidade, e quanto mais viva era a luz, mais real e mais solida parecia a região. Era um

quadro movel; isto é, nelle se moviam uns certos objectos, devagar, porém, e por forma ordenada, como objectos reaes e verdadeiros, e, conforme a direcção em que era illuminado ou observado assim mudava o quadro tambem. Em resumo, o effeito produzido devia ser identico ao de um espectáculo visto através de um vidro oval, revolvendo-o em todos os sentidos afim de obter diferentes aspectos.

Mister Wace affirmou-me que as descripções de mister Cave abundavam em pormenores de precisão extrema, isentos em absoluto dessa especie de commoção especial em casos de hallucinação. Convem não esquecer, comtudo, que quaesquer esforços empregados por mister Wace no intuito de ver as mesmas coisas com clareza semelhante na frouxa opalescencia do cristal foram

de todo baldados, por mais voltas que lhe desse. Eram consideraveis, porém, as diferenças de intensidade das impressões recebidas por um e outro individuo, e é de todo o ponto concebivel a circumstancia de ser para mister Cave uma visão clara aquillo que para mister Wace representava apenas mera nebulosidade.

A descripção feita por mister Cave era invariavelmente a de uma extensa planicie, que a elle se lhe afigurava estar observando de uma consideravel altura, e como de uma torre ou de um mastro. A leste e a oeste, a uma distancia em extremo remota, a planicie era limitada por uns penhascos immensos e avermelhados, que recordavam uns rochedos que tinha visto num qualquer quadro; qual fosse porém esse quadro, eis o que mister Wace nunca pôde determinar. Dilatavam-se os



A MENTALIDADE DOS EPILEPTICOS — DRAMA D'AMOR — *Desenho de um epileptico*

«O primeiro acto representa um idyllio que decorre sereno e feliz. No segundo, o pae da nomorada encontrando uma carta comprometedora, pergunta ao galan se assume a responsabilidade do que escreveu, em quanto a filha, receiosa, espreita lá de cima o episodio. E no terceiro, o velho ultrajado persegue o requestador, para se vingar...»

ditos rochedos quer para norte quer para sul, — mister Cave reconhecia os pontos cardeaes pelas estrellas visiveis nas trevas da noite, — a sumiram-se numa perspectiva quasi que illimitada e a apagaram-se nas brumas longinquas antes de se encontrarem. No acto da sua primeira visão, achava-se elle mais proximo da cordilheira oriental de rochedos, por cima da qual surgia o sol; e, escuros d'encontro á luz e palidos d'encontro á sombra, eis que apparecem, despedindo o vôo, uma multidão de vultos considerados por mister Cave como sendo aves.

Por baixo d'aquelles sêres protrahia se por toda a parte uma extensa fila de edificios; e a elle parecia-lhe que os estava sempre observando a grande altura, e que, á proporção que se iam aproximando das bordas refractas e confusas do quadro mais indistinctas se iam tornando. Havia tambem arvoredos, curioso já pela forma já pela cor; uma verdura densa e musgoza e um matiz acinzentado e mimoso nas margens de dilatado e scintillante canal. De subito, atravessa a paisagem um objecto avultado e de colorido brilhante. A primeira vez, porém, que mister Cave viu estas coisas, foi por subitos relampagos, apenas: tremiam-lhe as mãos, abanava-lhe a cabeça, era intermitente a visão, tornando-se, depois, emburilhada, indistincta, e a principio experimentou immensa difficuldade em encontrar a visão, novamente, uma vez perdida a direcção.

A sua segunda visão clara, que se produziu obra de uma semana a seguir á primeira, não lhe havendo o intervalo facultado outra coisa além de uns vislumbres tentadores e algumas experiencias uteis, permitiu-lhe ver o valle em todo o respectivo comprimento. Era differente a vista, elle porem, tinha a curiosa persuasão — persuasões aliás abundantemente confirmadas por subsequentes observações — de estar vendo aquelle mundo estranho achando-se, elle, parado no mesmo sitio, se bem que a olhar para uma direcção differente.

A extensa frontaria do immenso edificio, do qual a principio só vira o telhado, recuava agora na perspectiva. Reconhecia o telhado. Na frente da fachada havia um terraço de proporções macisas e de comprimento extraordinario, e no meio do mesmo terraço, a intervallos, divisavam-se uns mastros, muito altos, graciosissimos, comtudo, supportando uns objectosinhos brilhantes nos quaes se reflectia o sol no occaso. A importancia d'aquelles objectosinhos não veiu a occorrer a mister Cave senão dali a uns tempos, no acto de estar descrevendo a mister Wace quanto tinha visto. O terraço ficava a cavaleiro de um arvoredos da mais aprazivel e pujante vegetação, para além do qual se dilatava um taboleiro de relva, vicejante, em que descansavam umas certas creaturas, grandes, á laia de escaravelhos, mas de muito mais avultadas dimensões. Para além do taboleiro de relva, havia uma calçada de pedra cor de rosa

desmaiada, ricamente decorada, e mais para além, ainda, orlada por uns cançados, densos e vermelhos, e trepando pelo valle parallélo justamente aos rochedos longinquos, estendia-se um vasto e fulgido lençol de agua. Os ares dir-se-iam invadidos por batalhões de grandes passaros a manobrar em curvas majestosas e, na margem: oposta do rio, surgia uma multidão de edificios, de colorido opulento e refulgentes de reticulados e facetas metalicas, em meio de uma floresta de arvores musgozas e cobertas de lichens. De subito, uma qualquer coisa pareceu adejar a golpes repetidos através da visão, como que o bater de uma asa ou de um leque coberto de joias, e um rosto, ou antes, a parte superior de um rosto com uns olhos muito grandes a aproximar-se, por assim dizer, do rosto delle, como se estivesse do outro lado do ovo de cristal. Tão assustado e impressionado ficou mister Cave pela absoluta realidade daquelles olhos, que fez um movimento abrupto com a cabeça para espreitar por detrás do cristal. A tal ponto se absorvera na sua contemplação que ficou pasmado de tornar a encontrar-se na fresca escuridão da loja com o seu cheiro familiar a menthól, a mófo e a casa fechada.

E emquanto elle catrapiscava os olhos, foi enfraquecendo a claridade do cristal até que se apagou, taes foram as primeiras impressões geraes de mister Cave. E' curiosa tanto quanto positiva a historia das mesmas, a par de circumstanciada. Desde o principio, e desde a prévia e momentanea appa ição a seus sentidos do referido valle, a sua imaginação ficou estranhamente impressionada, e, quando começou a apreciar os pormenores da scena que estava vendo, o seu embelecamento descambou em apaixonada curiosidade. Dava ordem á vida, alheado e distraído, a pensar tão sómente no ensejo de poder enfrenhar-se na sua contemplação.

Foi neste meio tempo que, semanas depois da sua primeira visão, lhe surgiram os dois clientes, o tormento e a afflicção causadas pela offerta dos mesmos, o modo porque o ovo de cristal se salvou numa tabuinha, e o conjunto de occorrencias atrás expostas.

Emquanto o caso foi um segredo privativo de mister Cave, o ovo de cristal representou meramente um prodigio, dos taes que toda a gente concorre a ver e a admirar clandestinamente, tal qual uma creança explora um jardim defeso.

Mister Wace, comtudo, na sua qualidade de joven sabio e investigador, dispõe de uns habitos mentaes particularmente lucidos e logicos. Assim que lhe chegarão aos ouvidos o caso do cristal e historia respectiva, e se certificou, depois de ter visto com os proprios olhos a fosforencia do cristal, de como na realidade existiam provas abonando as alegações de mister Cave, impôs-lhe o dever de desenvolver systematicamente o problema. Não era somenos a impaciencia de mister Cave em alegrar os olhos com a contemplação daquella região de fadas e sonhos e vinha vê-lo todas as noites, das oito e meia até ás dez horas, e muita vez durante a ausencia de mister Wace, ás proprias horas do dia. Tambem vinha aos domingos de tarde. A principio, mister Wace tomou abundantes apontamentos, e ao seu methodo scientifico se deve a relação entre a direcção em que o raio iniciador entrava no ovo de cristal e a orientação da visão. Encerrando o ovo numa bocêta, na qual perforara uma abertura minuscula para o raio luminoso, e substituindo as cortinas cor de camurça da janella por um panno preto, muito grosso.

Melhorou consideravelmente as condições da observação; e tanto, que a breve espaço puderam examinar o valle em qualquer direcção que lhes aprobeasse fazê-lo.

Havendo assim desobstruido o caminho, podemos dar uma breve descripção desse mundo visionario encerrado no ovo de cristal.

Em todo o caso, foi mister Cave quem effectuou as experiencias que vamos relatar e o seu methodo consistiu invariavelmente em observar o cristal e narrar o que ia vendo, ao passo que mister Wace, (o qual, como todo e qualquer homem de sciencia, sabia escrever ás escuras) lhe ia anotando brevemente os dizeres.

Quando o cristal tornava a embaciarse, depunham-n'o outra vez na bocêta segundo a posição conveniente e voltavam a acender as lampadas eléctricas. Mister Wace ia fazendo perguntas e suggerindo observações, com o tento em esclarecer certos pontos difficeis. E diga-se a verdade, nada poderia haver de menos visionario e de mais positiva exactidão.

A atenção de mister Cave fora rapidamente captada pelas creaturas aligeras que elle tinha lóbrigo em tão grande numero durante cada uma das suas visões anteriores. A sua primeira impressão não tardou em modificar-se, e durante um lapso de tempo, futuro que poderiam muito bem ser uma especie diurna de morcêgos. Depois, e um tanto grotescamente, pensou que seriam talvez cherubins. Eram tão redondas e tão curiosamente humanas as cabeças, e os olhos de uma dellas tinham sido o que tanto o havia assustado no acto da sua segunda observação. Apresentavam umas ásas muito grandes e prateadas, sem pennas, mas scintillantes como escamas de peixe, e com os mesmos reflexos subteis; as ditas ásas não eram construidas segundo o plano habitual das ásas, quer das aves quer dos morcêgos, antes supportadas por uma membrana curva irradiando do corpo — uma como quê asa de borboleta de nervuras recurvas, quere-nos parecer que expressará melhor a sua apparencia. O corpo era pequeno, mas provido immediatamente abaixo das ásas de orgãos aprehensores semelhantes a uns tentaculos, compridos. Por incrível que isto parecesse a principio a mister Wace, a persuasão tornou-se por fim irresistivel de como aquelles grandes edificios quasi humanos e aquelles magnificos jardins, que tão esplendidos tornavam o extenso valle, pertenceriam áquellas creaturas.



A MENTALIDADE DOS EPILEPTICOS  
SEREIA — *Desenho de um epileptico*

Mister Cave, entre outras particularidades, percebeu que os ditos edificios não tinham portas, mas sim umas grandes janellas circulares abrindo-se livremente facultando saída e entrada ás taes creaturas. Estas poisavam sobre os tentaculos, enroscavam as ás até á dimensão de uma, cana e saltavam para dentro.

Entre ellas, encontrava-se multidão d'outras creaturas com umas ás mais pequenas, semelhantes a uns grandes libelulos ou a falênas ou a escaravelhos aligeros; e em meio dos relvados, uns escaravelhos gigantescos sem ás, de matizes brilhantes, a arrastarem-se, preguiçosos. Ainda mais, nas calçadas e pelos terraços, creaturas com umas cabeçorras, semelhantes ás outras das ás grandes, mas desprovidas de apêndices, a saltitarem com uns ares espavoridos sobre os feixes de tentaculos.

(Continúa).

M. MACEDO.

### A uva como alimento e medicamento

Em face da crise vinicola que de anno para anno tem progredido no nosso país, cujo consumo intimo e cuja exportação não offerecem a necessaria saída para a crescente produção de uvas, parece-nos de grande oportunidade dizer alguma coisa sobre as vantagens que o delicioso fructo da *Vitis Vinifera* offerece na alimentação e na therapeutica.

«O succo da uva, diz o dr. Herpin, é um agente nutritivo, um alimento de natureza vegetal, que contem em si um conjunto de materias azotadas, de substancias respiratorias e ainda outros principios que entram na composição do sangue.

«Pelos alcalis e saes mineraes, que possui, taes como chloretos, sulphatos, etc., tem elle sobre a economica uma acção analoga á de algumas aguas mineraes.

«Exerce sobre os fluidos da economia uma reacção alcalina, que diminue a plasticidade do sangue, tornando-o mais fluido.

«Introduz na economia uma importante quantidade de agua, que é absorvida e que se transmite e circula no sangue facilitando as secreções de todos os órgãos.

«E' emfim um medicamento que reúne um conjunto de prestimos altamente proveitosos».

Quando a medicina recorria ao emprego das plantas, dos *simples*, já o uso das uvas era largamente aconselhado em muitos casos. Dão testemunho d'esse facto Plinio e Galeno.

Hoje, melhor do que então, a medicina recomenda o uso da uva nos casos de anemia, doenças do estomago, falta de appetite, affecções gastro-intestinaes, constipação de ventre e em certas doenças de pelle.

A cura pela uva começa logo que a maturação do fructo a permite.

O tratamento dura tres a seis semanas. O consumo diario da uva principia por meio kilogramma, dividido em cinco refeições, em cujos intervallos se dão largos passeios.

Não devem ingerir-se as grainhas nem as pelliculas, que sobrecarregariam inutilmente o estomago, visto que não são atacadas pelo succo gastrico.

A uva deve ser colhida de fresco e lavada. Querendo obter um effeito purgativo e diuretico, devem preferir-se as uvas brancas, pouco assucaradas, agriosas e não muito maduras.

Se, pelo contrario, se deseja reconstituir o sangue empobrecido, convem recorrer ás uvas pretas, que contem saes de ferro, altamente tonicos.

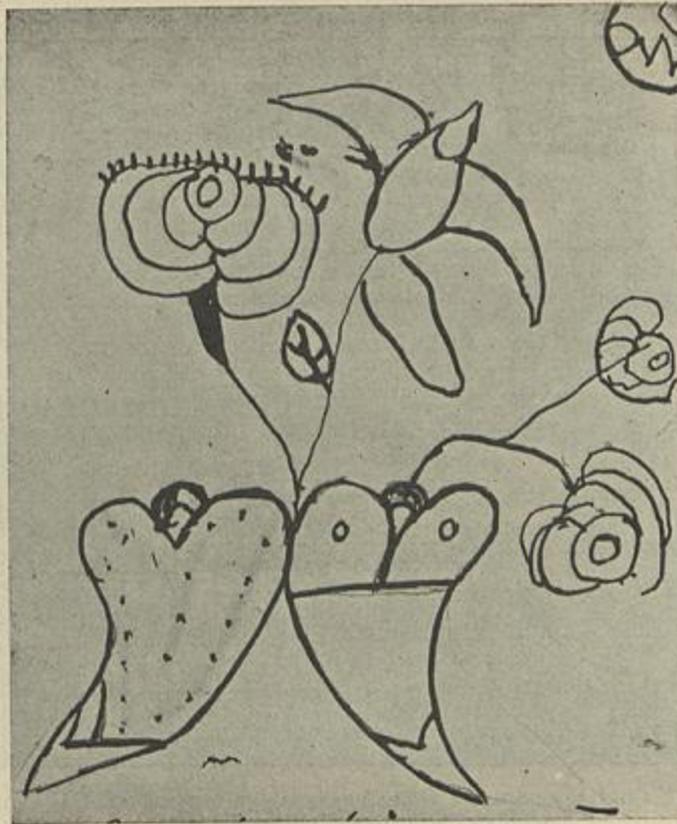
Ha estabelecimentos destinados á cura pela uva, aos quaes os doentes recorrem, como se recorre aos estabelecimentos hydrotherapicos, por indicação dos medicos.

Na Suissa, (em Montreux), no Tyrol (Méran), nos vinhedos da margem do Rheno, em S. Goar, em Creutnach, em Durkheim, na Baviera, etc. existem estabelecimentos especiaes que são muito frequentados durante a epoca das vindimas.

Em Portugal, embora não haja estabelecimentos especiaes para o tratamento pelas uvas, mencionam-se algumas curas importantes, obtidas por esse meio, na estação balneo-therapica de Entre-os-Rios.

Bom será que se generalise este tratamento, que será mais um factor para a solução do grande problema do consumo da uva, cujo preço é de véras mesquinho.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



A MENTALIDADE DOS EPILEPTICOS  
DOIS CORAÇÕES — Desenho e versos de um epileptico

Os nossos dois corações  
Unidos tomara ver:  
O tempo vai se passando  
E a vida sem ti é morrer.

LUIZ CEBOLA

### A mentalidade dos epilepticos

Livraria Editora  
Viuva Tavares Cardoso — Lisboa — 1906

O moço agradável e cativante que se chama Luiz Cebola, já conhecido dos leitores desta revista, que lhe estampou o retrato por ocasião de apresentar com o seu juizo critico o simpatico poeta autor do delicado volume *Canções da Vida*, semelhante moço eleito da Inspiração e levita do templo das Musas, acaba de mostrar-se tambem escolhido e privilegiado na elevada esfera da ciencia, coroando o curso da Escola Medico Cirurgica de Lisboa, com uma dissertação inaugural deveras primorosa.

Provára-se poeta dedilhando a divina harpa da rima: revelou-se agora positivo na penetração sábia, sem deixar porém de encantar pela forma harmoniosa e colorida.

E, reunindo assim o util ao delectoso, produziu para o estabelecimento de instrução superior de que frequentou as aulas respectivas um trabalho que o honra, e para o publico desejoso de illustrar-se, uma lição que não enfada.

Estudou no epilético o viciamento mental, apoderou-se da especie de segredo explicativo deste estado enfermizo e de triste desgraça; e, apurando e concatenando sempre com cuidado, com esmero, documentou o que houve de afirmar com testemunhos de escrita e de desenho, colhidos no hospital de Rilhafóles.

Abranje quatro capitulos e uma introdução, esta obra de Luiz Cebola; sendo o terceiro—*Documentos artisticos e literarios dos epilepticos*—de grandissimo interesse, sob todos os pontos de vista.

Sete gravuras acompanham, intercaladas, o texto do mencionado capitulo, do qual aqui se reproduzem algumas extremamente curiosas.

Os capitulos 1.º e 2.º, aquê, onde caracteriza e define o ataque epilético, este, onde firma alicerces, acentuando principios dentro da psicologia, são o legitimo e conveniente preparatorio do 3.º, a que me referi precedentemente, o qual, por seu turno, encaminha-o ao 4.º e ultimo, em que, contra a escola italiana, conclue, em relação ao genio: «Por conseguinte o homem de genio não se desvia da evolução normal: apenas marcha na vanguarda. Avança, não retrograda: é progresso e não degenerescencia».

Com effeito, dejectado é o individuo que acusa falta de equilibrio moral e mental, que é defeituoso, como um epilético, e nunca poderei considerar em tal caso as maximas consonancias da idéa no mais sublime da irradiação do espirito.

No fim da introdução, Luiz Cebola, traçou este periodo: «Obreiro obscuro, deligenciaei carrear, ao menos, uma pequenina pedra para o grandioso monumento scientifico—analysando debaixo de novo aspecto os documentos artisticos e literarios dos epilepticos, postos em paralelo com os do homem de genio, após uma breve descripção dos seus estigmas somaticos, indispensavel ao estudo da mentalidade sagrada».

Isto fez, é verdade, nas 172 paginas substanciaes duma dissertação crédora de logar á parte nas melhores bibliotecas; mas não o fez, carregando «uma pequenina pedra» conforme a sua modestia proclama, operou com a certeza de mestre consumado e com a ardente convicção dum apostolo. Persuado-me de que não virá lonje o dia em que Luiz Cebola, verá abrir diante de si as portas da Escola Medica na qualidade de lente.

Ignoro, se aspira a rejer uma cadeira; o que não ignoro, entretanto, é que as suas distintas facultades lh'o não védam, e que, se concorrer no futuro, saberá ser mestre brioso quem soube ser discipulo respeitado.

D FRANCISCO DE NORONHA.



A MENTALIDADE DOS EPILEPTICOS  
ECCE OMO — Desenho colorido de um epileptico

N'este desenho se representa o auctor deitado e com as mãos postas em agradecimento ao Sr. Dr. Bombarda, «por se achar restabelecido n'este anno dos seus ataques e accidentes nervosos.»



NO CUNENE — UM DESTACAMENTO DE TROPA INDIGENA SOB O COMMANDO DO SARGENTO PINHEIRO, FORMADO NO FORTE «D. LUIZ FILIPPE»

(Photographia enviada pelo sr. Theodoro J. Cruz)

## O MEZ METEOROLOGICO

Agosto, 1906

Barometro.—Maxima 767<sup>mm</sup>,1 em 24.  
Minima 759<sup>mm</sup>,7 » 28.

Thermometro.—Maxima 35°,3 em 5.  
Minima 16°,2 » 15.

O mez de agosto foi dos mais quentes d'estes ultimos annos. Em 4, a temperatura foi de 29°,3; em 5, de 32°,0; em 6, de 35°,3; em 7, de 30°,0. Baixou em 7, um pouco, elevando-se a partir de 16, e até 31, com maximas superiores á normal. As mais elevadas foram: Em 19, 33°,7; em 22, 29°,1; em 26, 29°,0; em 27, 31°,8; em 28, 29°,9; em 29, 29°,4; em 30, 31°,5 e em 31, 29°,8.

Vento dominante.—N.

Nebulosidade.—Bom tempo 25 dias.

» Nublado 6 dias.

Chuva.—0<sup>mm</sup>,2 em 29.

Temperatura media mais elevada 27°,55 em 6; menos elevada 19°,66 em 15.

## NO CUNENE

Os ultimos telegrammas recebidos do Lubango, onde as tropas portuguezas estão realisando a occupação dos territorios Cuamatás, dão noticia de estar construido o forte Encombe, no vau do Mucondo, ficando assim concluida a primeira missão da columna do commando do governador da Huila sr. Alves Roçadas.

Este forte fica para alem do Cunene, onde já existe o de *D. Luiz Filippe*, a que o OCCIDENTE se referiu em tempo e publicou uma gravura, (1) reproduzindo hoje uma outra vista d'este forte, com um destacamento de tropa indigena, em forma, sob o commando do sargento Pinheiro.

As forças militares em operações contra os cuamatás, elevam-se a 1:046 combatentes, sendo

597 europeus, 96 praças montadas, 21 auxiliares portuguezes, 32 boers e 300 pretos Orlog, 6 peças de montanha de 7<sup>cm</sup> e uma metralhadora.

Um destacamento destas forças fazendo um reconhecimento a alguns kilometros para alem do forte, teve um encontro com o inimigo em grande força. Travado combate durante duas horas, o inimigo soffreu consideraveis perdas, tendo o destacamento apenas baixa de alguns auxiliares.

Do que são esses auxiliares se faz ideia pelos que se representam na gravura que acompanha estas linhas, reprodução de uma photographia que nos foi obsequiosamente enviada pelo sr. Theodoro José da Cruz.

Felizmente vae-se assegurando a occupação dos territorios para alem do Cunene, a julgar pelo que, em telegramma, communica o sr. Alves Roçadas:

«Considero assegurada a passagem permanente sobre o rio Cunene, assim como a defeza effectiva do territorio já occupado, adquirindo-se por esse modo uma base segura para futuras operações alem do rio».

(1) Vid. OCCIDENTE vol. XXVIII de 1905, pag. 212.

## ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras

R. do Alecrim, 111, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA



## A melhor agua de mesa conhecida

AGUAS MINERAES DO MONTE BANZÃO-COLLARES  
GAZOSAS LITHINADAS

Deposito geral:

Rua do Arco do Bandeira, 216, 1.º  
LISBOA

## CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Bonbons e nougat da fabrica Iniguez

KILO 1\$500 RÉIS

Os bonbons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE--CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

## Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.ª

Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

N.º telephonico, 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras.—Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

## LE DICTIONNAIRE DES SIX LANGUES

Médaille à l'Exposition Universelle de Paris de 1900

Français, Allemand, Anglais, Espagnol Italien et portugais

Prix 25 francs ou 1 £

Editeur — Empresa do Occidente — Lisbonne — Portugal